

# A progressiva dissolução da definição de Arquitetura: reflexões sobre as areias movediças da condição contemporânea

*The progressive dissolution of the definition of Architecture: reflections on the quicksands of the contemporary condition*

*La progresiva disolución de la definición de Arquitectura: reflexiones sobre las arenas movedizas de la condición contemporánea*

---

**Fernando G. Vázquez Ramos** 

Universidade São Judas Tadeu; Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação; Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Arquitetura e Urbanismo.  
São Paulo (SP), Brasil.  
prof.vazquez@usjt.br

---

## CRedit

**Contribuição de autoria:** Concepção; Curadoria de dados; Análise; Coleta de dados; Metodologia; Supervisão; Validação; Visualização; Redação – rascunho original; Redação – revisão e edição: VÁZQUEZ RAMOS, F. G.

**Conflitos de interesse:** O autor certifica que não há conflito de interesse.

**Financiamento:** Instituto Anima.

**Aprovação de ética:** O autor certifica que não houve necessidade de aprovação de Comitê de Ética.

**Uso de I.A.:** Os autores certificam que não houve uso de inteligência artificial na elaboração do trabalho

**Editores responsáveis:** Daniel Sant'Ana (Editor-Chefe); Elane Ribeiro Peixoto (Editora Associada); Ana Elisabete Medeiros (Editora Associada); Leandro S. Cruz (Editor Associado); Sarah A. B. Vencio (Assistente Editorial).

---

## Resumo

Este texto discute o significado do termo Arquitetura em perspectivas histórica, conceitual e disciplinar, centrando a questão no âmbito da Teoria da Arquitetura. Como de hábito, apresentam-se as ideias provenientes de Vitruvius e de Alberti para depois marcar uma inflexão, no século XIX, quando muda o significado do termo em função da urbanização induzida pela Revolução Industrial. Esta brusca alteração de um curso apoiado em 400 anos de história foi o início de um rápido processo de desmantelamento, ou de multiplicação dos sentidos do termo, que passou sucessivamente pela pressão exercida pela indústria da construção, depois pelo impacto corporativo para ser, finalmente, afetada pela financeirização. O resultado expõe a dissolução do significado de Arquitetura, uma vez que seu significante – isto é, a impressão que nos deixa – aparece como irrelevante no mundo contemporâneo. Apoiado em uma revisão bibliográfica sobre o tema, a análise se ampara no método crítico-reflexivo, dentro do entendimento que lhe poderia dar Donald Schön, no âmbito da pedagogia, assim como numa “leitura atenta”, como a proposta por Elaine Showalter, para enfrentar os deslizamentos acontecidos ao conceito na sua formação histórica, dentro da Teoria da Arquitetura.

**Palavras-Chave:** Teoria da Arquitetura; História da Arquitetura; Representação; Indústria da construção; Financeirização imobiliária.

## Abstract

This paper discusses the meaning of the term Architecture through historical, conceptual and disciplinary perspectives, focusing the issue within the scope of Architectural Theory. As usual, ideas from Vitruvius and Alberti are presented and then mark a turning point in the 19th century, when the meaning of the term changes due to the urbanization induced by the Industrial Revolution. This sudden change in a course supported by 400 years of history was the beginning of a fast process of dismantling, or multiplication of the meanings of the term, which successively went through the pressure exerted by the construction industry, then the corporate impact to finally be affected by financialization. The result exposes the dissolution of the meaning of Architecture, since its signifier – that is, the impression it leaves us –, seems to be irrelevant in the contemporary world. Supported by a bibliographical review on the topic, the analysis is sustained by a critical-reflexive method – within the understanding that Donald Schön could give it, in the scope of pedagogy –, as well as a “close reading” – as proposed by Elaine Showalter – to face the slippages that occurred in the concept in its historical formation, within Architectural Theory.

**Keywords:** Architectural theory; History of Architecture; Representation; Construction industry; Real Estate financialization.

## Resumen

Este texto aborda el significado del término Arquitectura a través de las perspectivas histórica, conceptual y disciplinar, enfocando el tema dentro del ámbito de la Teoría de la Arquitectura. Como es habitual, se presentan ideas de Vitruvio y Alberti, para marcar posteriormente un punto de inflexión en el siglo XIX, cuando el significado del término cambia, debido a la urbanización inducida por la Revolución Industrial. Esta alteración repentina de una historia de 400 años fue el comienzo de un rápido proceso de desmantelamiento, o multiplicación, de los significados del término, que pasó sucesivamente por la presión ejercida por la industria de la construcción, luego por el impacto corporativo para, finalmente, ser afectados por la financiarización. El resultado expone la disolución del significado de Arquitectura, ya que su significante –es decir, la impresión que nos deja– aparece como irrelevante en el mundo contemporáneo. Apoyado en una revisión bibliográfica sobre el tema, el análisis se sustenta en el método crítico-reflexivo –en el entendido que podría darle Donald Schön, en el ámbito de la pedagogía–, así como en una “lectura atenta” –como propone Elaine Showalter– a afrontar los deslices ocurridos en el concepto en su formación histórica dentro de la Teoría de la Arquitectura.

**Palabras clave:** Teoría de la Arquitectura; Historia de la Arquitectura; Representación; Industria de la Construcción; Financierización Inmobiliaria.

## 1 Introdução

Discutimos aqui a definição do termo *Arquitetura*. Não tanto como apresentada nos dicionários, que tratam mais do uso e do significado comum da palavra, nem necessariamente do ponto de vista etimológico, mas em sua dimensão histórica e conceitual, uma das abordagens possíveis. Como o assunto é de difícil apreciação, são necessárias algumas advertências para situar nossa perspectiva sobre a questão, que, fique claro desde já, não tem uma resposta precisa, mas apenas aproximações plausíveis:

As teorias da arquitetura são avaliadas não pela sua verdade, mas sim pela sua força e influência. Se assim não fosse, poucos dos nomes canônicos desde Vitruvius teriam algum registro no panteão do pensamento da arquitetura ocidental. [...] (Saint, 1994, p. 272)<sup>1</sup>

[...] Na arquitetura, não há um equivalente a uma busca, definição ou compreensão dessa verdade [como se dá na ciência]. A arquitetura é existencial. Suas hipóteses e teorias, os problemas que enfrenta são condições em constante mutação do ser humano. [...] (Woods, 2011)

O pior erro dos homens está em suas opiniões. (Da Vinci, 1947, p. 22, tradução nossa)<sup>2</sup>

Isto posto, vale reiterar que uma premissa metodológica básica para iniciarmos qualquer conversa sobre a perigosa pergunta do que é *Arquitetura* é a de nos mantermos fora do mundo da *doxa*. Este é nosso primeiro recorte, pois não importam aqui as opiniões, a que todos têm direito, mas que não implicam nenhuma precisão ou base documental, muito menos algum consenso. A partir dessa premissa, como um segundo recorte, devemos também admitir que só podemos remeter nossas considerações apenas aos pontos de vista histórico, conceitual e disciplinar. Assim, desde esses pontos de vista, só se pode falar em “*Arquitetura*” como a conhecemos hoje a partir de 1452, quando Leon Battista Alberti finalizou seu *De re aedificatoria libri decem*. E, ainda mais precisamente, desde 1485, quando o *Re aedificatoria* apareceu numa *editio princeps* publicada por Niccolò di Lorenzo Alamanni em Florença, quando já se usa o termo *Architectura* (Krüger, 2014). Mas, escrito em latim, teve de esperar 1546,<sup>3</sup> quando foi publicado em vulgar, o que permitiu sua divulgação fora dos círculos eclesiais. Assim, durante um longo período de 100 anos, os preceitos de Alberti foram assentando um entendimento bastante preciso da nova “disciplina” que, como vemos, demorou para conquistar um espaço cultural consensual, mas, quando o fez, foi no âmbito da Teoria da *Arquitetura*, e este seria nosso terceiro recorte, a partir da divulgação do primeiro livro de (Teoria da) *Arquitetura*, o de Alberti (Krüger, 2014), onde o conceito foi formulado historicamente e disciplinarmente.

Ainda assim, é importante esclarecer em que termos entendemos a pesquisa sobre *Arquitetura* dentro do campo da teoria e de um modo muito geral, posto que se trata de 600 anos de história. Talvez as advertências acima tenham dado alguma pista, mas vale

---

<sup>1</sup> Tradução livre do original em inglês: “Architectural Htheories [sic] are judged not by their truth but by their force and influence. If it were otherwise, few of the canonical names from Vitruvius downwards would hold their place in the pantheon of western architectural thought. [...]”.

<sup>2</sup> Tradução livre da edição em espanhol: “El peor error de los hombres está en sus opiniones”.

<sup>3</sup> O *Re aedificatoria* foi publicado em “vulgar” (o dialeto da Toscana, *Fiorentino*) em 1546 por Pietro Laudo, com o título de *dieci libri dell'architettura*, e em 1550 por Cosimo Bartoli, com o título *L'Architettura*, sendo esta última a mais conhecida. Sobre as edições e a repercussão do pensamento albertino, ver Krüger (2014).

frisar que pensamos a Teoria da Arquitetura como o historiador alemão Hanno-Walter Kruft (2016, p. 16), isto é, como um “sistema documentado por escrito de forma abrangente ou parcial e que se fundamenta em categorias estéticas. E mesmo quando a estética é reduzida à funcionalidade [ou a qualquer outra determinante], essa definição permanece válida”. Por outro lado, sempre considerando válido também o pressuposto de que “as teorias da arquitetura devem ser observadas fundamentalmente em seu contexto histórico” (Kruft, 2016, p. 20) e dependem de um consenso, ou pelo menos de um debate, *inter pares*.

Consequentemente, entendendo a questão de um ponto de vista histórico e desse consenso amplo e necessário, afirmamos que, antes da divulgação do *Re Aedificatoria*, havia construção, mas não Arquitetura – apesar de ter havido pelo menos um par de “tratados de Arquitetura” durante a Idade Média (Olmos, 2001).<sup>4</sup> Contudo, parece muito claro que não são realmente tratados, mas comentários. A difusão dessas obras foi muito restrita, pois os *folios* desses raros exemplares estavam reservados às bibliotecas monásticas ou de alguns eruditos, o que não permitiu a formação de um *corpus* teórico sólido onde levantar o edifício da Arquitetura.

A afirmação pode soar estranha, mas a bibliografia sobre o tema esclarece o que queremos dizer. Um breve cotejo de textos de história sobre construções mostra que elas remontam a tempos muito remotos; um bom exemplo para nosso caso talvez seja o livro de Bill Addis (2007), cujo subtítulo é mais que sugestivo: *Building: 3000 years of Design Engineering and Construction*. Assim, há pelo menos três milênios, já havia rastros contundentes de “conhecimento e habilidades de *design* que os engenheiros usam hoje ao projetar edifícios”<sup>5</sup> (Addis, 2007, p. 6, tradução nossa). E, valendo-nos da arqueologia, podemos afirmar que nossos antepassados construíam desde bem antes, se pensarmos nas recentes descobertas em Poverty Point (1600 a.C.), na Louisiana, nos EUA, em Senai Maruyama, um sítio Jōmon, no Japão, que data de 3900 a 2300 a.C., ou no mar de Bótnia, os Jätinkirkko finlandeses, também de 3000 a.C. Além dos mais conhecidos assentamentos humanos situados na atual Turquia, como o mais famoso, Çatalhöyük, que floresceu aproximadamente em 7000 a.C., embora tenha desaparecido alguns séculos depois, ou mais antigos ainda, como o Göbekli Tepe, que, de acordo com registros arqueológicos, existiu entre 9500 e 8000 a.C. (Graeber; Wengrow, 2022).

De outro lado, nos textos que tratam não de arquitetura em geral, mas da Arquitetura e da Teoria da Arquitetura, esta remonta, quando muito, a 2000 anos atrás. A distinção é importante porque nossa aproximação é conceitual, e não historiográfica. O que significa que, embora consideremos a questão de uma perspectiva histórica, não discutimos a “história da Arquitetura”. Cumpre salientar esse ponto porque existem vários textos muito conhecidos sobre o passado construído da humanidade que usam o termo “arquitetura”; por exemplo, o famoso livro de John Summerson, *The Classical Language of Architecture*, publicado em 1965, que se debruça sobre as construções gregas e romanas.

Servem como exemplo tanto os mais antigos, como o de Miloutine Borissavlievitch (1949), publicado em francês em 1926, como os contemporâneos: o de Hanno-Walter Kruft (2016), publicado em alemão em 1985; a compilação da editora Taschen (Biermann *et al.*,

---

<sup>4</sup> *De diversis artibus schedula*, de Theophilus Presbyter (pseudônimo), do século XII, e o *Livre de portraiture*, de Villard de Honnecourt, do século XIII, além das 22 cópias conhecidas do tratado de Vitruvius que vão do século VIII ao XV.

<sup>5</sup> Tradução livre do original em inglês: “[...] knowledge and design skills that engineers use today when designing buildings”.

2003), em colaboração com a Kunstbibliothek der Staatlichen Museen zu Berlin, publicadas em alemão, inglês, espanhol e português, esta última em 2003; e a compilação editada por Harry Francis Mallgrave (2006, 2008), organizada em dois volumes (“de Vitruvius a 1870” e “de 1871 a 2005”).

Mas não são de fato dois milênios, pois, embora todos remetam ao mundo romano – na verdade, a Vitruvius – e alguns a um pouco antes – como o de Borissavlievitch, que vai até os gregos – discutindo o pensamento de Platão e de Aristóteles, no século IV a.C. –, imediatamente se coloca um hiato de 1500 anos. É certo que a lacuna é timidamente preenchida por breves menções a outros autores – ao livro de Villard de Honnecourt, no caso do livro da Taschen (Biermann *et al.*, 2003), ou ao do Abade de Saint-Denis, no caso da compilação de Mallgrave (2006) –, mas todos levam diretamente ao Renascimento, quando havia, por parte dos novos arquitetos, “escasso interesse pela construção como tal”<sup>6</sup> (Scott, 1970, p. 35, tradução nossa). Destarte, vão prontamente de Vitruvius a Alberti.

Por essa razão, parece adequado começar como sempre se fez, falando de Marcus Vitruvius Pollio, e, sem paradas, seguir adiante a partir de Alberti.

## 2 Cavando no passado

Vitruvius foi um arquiteto romano, nascido provavelmente no ano 80 a.C. e falecido talvez pelo ano 20 a.C., ou seja, um homem do século I a.C., que viveu na Roma de Sula, Júlio César, Marco Antônio e Otaviano, a quem, antes ainda de se tornar Augustos, Vitruvius dedicou seu didático manual *De Architectura Libri Decem*.

Mas, como só podemos falar em Arquitetura a partir de 1452, é oportuno perguntar o que era a “Arquitetura” para o ilustre romano e verificar se, quando a descreve, o faz num sentido semelhante ao que lhe damos hoje. Para Vitruvius, “Arquitetura” era uma *ciência*<sup>7</sup> composta de três partes: as edificações (*aedificatio*), a construção de relógios solares (*gnomonice*) e a mecânica (*machinatio*), ou seja, a construção de máquinas.

Não é provável que alguém que hoje ostenta um diploma de arquiteto – e urbanista, no caso brasileiro –, nem qualquer pessoa que tenha exercido a profissão do século XVI em diante, tenha sido um bom construtor de máquinas, muito menos de relógios.<sup>8</sup> Ainda assim, devemos admitir que, no tocante às edificações, Vitruvius foi importante para a definição moderna do que é Arquitetura, embora seja forçoso reconhecer que algumas de suas frases tortuosas<sup>9</sup> tenham precisado passar pelas mãos qualificadas de Alberti para ter algum sentido.

Eis como nosso arquiteto-engenheiro-relojeiro definia a “ciência dos arquitetos”

---

<sup>6</sup> Tradução livre da edição em espanhol: “[...] escaso interés por la construcción en cuanto tal de que hacían gala los hombres de este período” (Scott, 1970, p. 35).

<sup>7</sup> No início do capítulo 1 do Livro 1, Vitruvius (2014) afirma que “Architecti est scientia pluribus disciplinis et variis eruditionibus ornata”. Embora usemos aqui a tradução de M. Justino Maciel (Vitruvius, 2007), deixamos nossa interpretação: “A do arquiteto é uma ciência que demanda conhecimentos em diversas disciplinas e está paramentada por estudos variados”.

<sup>8</sup> No século XV, ainda havia esse perfil – pensemos em Filippo Brunelleschi (1377-1446), por exemplo. Mas esse século foi um período de transição, e Brunelleschi foi um arquiteto que ainda exercia a profissão como na velha guilda, participando da obra e construindo máquinas; por outro lado, nunca construiu um relógio de sol, embora tenha feito o relógio (uma máquina) da torre do Palazzo dei Vicari, em Scarperia, em 1445.

<sup>9</sup> Saliente-se que nem todos os estudiosos de Vitruvius consideram seu texto “tortuoso”. Ver os comentários sobre o tema em D’Agostino (2010).

*(Architecti scientia)*: “A ciência do Arquiteto<sup>10</sup> é ornada de muitas disciplinas e vários saberes [e as obras realizadas pelas outras artes]” (Vitruvius, 2007, p. 61, grifo nosso).<sup>11</sup>

Contudo, a sentença não é absolutamente clara, e mesmo quando informa sobre as “disciplinas”, Vitruvius deixa o assunto em aberto, mais como uma necessidade de erudição, ampla,<sup>12</sup> e não tanto como uma questão relativa às habilidades e à competência específicas do exercício profissional, nem por seu sentido vital,<sup>13</sup> salvo pelo conhecimento prático do desenho e da geometria.

Em outro trecho do *De Architectura*, ele dá uma pista da relação dos *architecti* com a Arquitetura:

Os julgamentos sobre todos os edifícios obedecem a uma tríplice consideração, a saber, a sutileza construtiva, a magnificência e a disposição.

Quando se considera que a obra foi realizada com magnificência, serão louvadas as despesas feitas pela capacidade econômica do proprietário; quando se olha para a sutileza, a perfeição do artista [*officinatoris*]<sup>14</sup> será apreciada; *mas, quando se apresenta esteticamente como modelo nas suas proporções e sistemas de medidas, então a glória será do arquiteto* (Vitruvius, 2007, p. 328, grifo nosso).

Isso parece querer dizer que, minimamente, ele estabelecia uma diferença entre o que faz um construtor (*officinator*) e o que faz um arquiteto, e também entre Arquitetura e construção:

Como, porém, vejo que a grandeza de tão importante disciplina [a Arquitetura] é posta em causa por ignorantes e ineptos, bem como por aqueles que não têm qualquer conhecimento, *não apenas da arquitetura como até da simples construção*, não posso condenar os pais de família que, apoiados na segurança dos próprios conhecimentos, edificam eles próprios as suas casas (Vitruvius, 2007, p. 292, grifo nosso).

Isso não é pouco. Se pensarmos que para os gregos só se podia um bom “arquiteto” pela *virtude do exercício da construção*, como afirmava Aristóteles,<sup>15</sup> é um passo enorme distinguir um artífice que constrói de outro que domina um saber inscrito no *corpus* da

---

<sup>10</sup> Duas questões sobre essa tradução. A primeira é que Vitruvius usa o termo *architecti* (no plural), e não *architectus* (no singular). É importante salientar essa diferença porque, dizendo a “ciência dos arquitetos”, nota-se a preponderância que o autor dá à profissão sobre a ação individual do profissional. Além disso, o singular obrigaria a conviver com a sombra de seu significado grego, *αρχιτεκτων* (*architekton*), ou “mestre de obra”, que Vitruvius evidentemente prefere ignorar, pois ele já atribui aos *architecti* outras habilidades como a de construir máquinas e relógios e, mais ainda, ele não se considera um “encargado de uma obra”. A outra questão é mais sutil: por que não usa o termo *Architectura*? O título do manual é *De Architectura*, mas, para defini-la, prefere falar das características de uma profissão, a *architecti scientia*.

<sup>11</sup> No original: “*cuius iudicio probantur omnia quae ab ceteris artibus perficiuntur opera*”.

<sup>12</sup> Vitruvius (2007, p. 62) adverte que o arquiteto “deverá ser versado em literatura, perito no desenho gráfico, erudito em geometria, deverá conhecer muitas narrativas e fatos históricos. Ouvir diligentemente os filósofos, saber de música, não ser ignorante em medicina, conhecer as decisões dos juristas, ter conhecimento de astronomia e das orientações da abóbada celeste.”

<sup>13</sup> O que antigamente chamava-se de essência, ou o âmago profundo de uma coisa que, como tal, a define.

<sup>14</sup> O termo *officinatoris*, que Maciel traduziu (Vitruvius, 2007) como “artista”, significa também “operário” e, quando relativo a construção, “construtor”, que nos parece mais adequado ao caso.

<sup>15</sup> Diz Aristóteles (1991, p. 29, grifo nosso) que adquirimos as virtudes pelo exercício, “como também sucede com as artes. Com efeito, as coisas que temos de aprender antes de poder fazê-las, aprendemo-las fazendo; por exemplo, *os homens tornam-se arquitetos construindo*”.

Arquitetura (teoria e prática), um erudito que aplica conhecimentos de disciplinas diversas. Podemos dizer que se confronta o *homo faber* (sem o primitivismo que lhe atribuía Henri Bergson, talvez seguindo Jean-Jacques Rousseau) ao *homo sapiens*. Ou Aristóteles a Platão.

E por que dizemos que a diferença está no aspecto do “pensamento”? Porque Vitruvius entendia que, entre um “leigo” (*idiota*)<sup>16</sup> e um “arquiteto”, havia o seguinte hiato: “o leigo não pode saber o que vai ser realizado, a não ser quando o vir concluído, ao passo que o arquiteto já tem *definido na sua mente*,<sup>17</sup> antes de iniciar a obra, como será esta construída em termos de beleza, funcionalidade e conveniência” (Vitruvius, 2007, p. 328, grifo nosso). O pensamento aparece associado à famosa tríade vitruviana, enunciada pela primeira vez no Capítulo I: “[As coisas da edificação] deverão ser realizadas de modo que se tenham presentes os princípios da solidez [*firmitas*], da funcionalidade [*utilitas*] e da beleza [*venustas*]” (Vitruvius, 2007, p. 82).

Mas esses princípios não são realmente construtivos, pois, no livro VI, lemos:

Não está na mão do arquiteto definir quais os gêneros dos materiais que convém utilizar [numa edificação], porque não se produzem todos os tipos de materiais em todos os lugares [...]. Além do mais, está na mão do proprietário se quer construir em laterício, em formigão ou em cantaria (Vitruvius, 2007, p. 327-328).

Assim, podemos inferir que Vitruvius discute princípios mais projetivos, ou pelo menos conceituais, que tectônicos, mas sem desprezar estes últimos, posto que se referem a questões de índole teórica (de conhecimento variado) que regem o que será feito. Não importando a materialidade do objeto, sua *physis* – como substância física – se apresenta como princípio organizador, dentro do que os antigos retóricos chamavam de *dispositio*. Ainda assim, os *Livros* (o manual) são prenhes em descrições técnicas para ensinar como se deve construir.

Então, os arquitetos da época de Vitruvius, ou pelo menos ele, eram profissionais de quem se exigiam vasta erudição e conhecimentos não só de construção, mas de outras tantas artes, da música à medicina. E, além de se dedicarem à edificação, construíam máquinas, sobretudo de guerra, e, conhecendo astronomia, eram capazes de construir relógios de sol. Sem dúvida, um antepassado de quem nos devemos orgulhar – mas de uma linhagem extinta.

### 3 Fundamentos

Para Alberti, contudo, imerso num ambiente humanista, com uma cosmovisão sensível e receptiva ao mundo romano antigo, era possível encontrar no texto de Vitruvius todas as ideias brutas necessárias à definição da Arquitetura em termos modernos.<sup>18</sup> Assim, ele trabalhou em duas chaves: a interpretativa (teórica) e a explicativa (prática). E avançou

---

<sup>16</sup> A etimologia de *idiota* remete a “pessoa particular”, no sentido de um leigo, mas também no sentido de um “cliente”, um comitente, aquele que delega uma obra a um profissional.

<sup>17</sup> Vitruvius (2017) usa a expressão “*autem simul animo*”. O termo latino “*animus*” é comumente traduzido como “espírito”, “alma” ou “disposição”, mas também pode significar “mente”, e de forma ampla, intenção. Assim, ele não se refere a um devaneio, mas a uma intenção e disposição do espírito no sentido de uma decisão que afetará o futuro, que, antes dela, era incerto.

<sup>18</sup> Para Alberti, os termos seriam “antigos”, pois “moderno”, naquele momento, era o Gótico. Essa inversão da terminologia também é interessante como marcador da mentalidade da época.

muito da perspectiva teórica. Seu rico pensamento sobre *Arquitetura* (a *res aedificatoria*), de uma forma mais profunda que a vitruviana – já que atinge o âmago de nosso “estar no mundo” –, centrou as baterias conceituais no *projeto gráfico* como produto do intelecto e forma de comando, e não em questões relativas à realização, à tríade, como *modus operandi*.

Alberti tampouco usa o termo “Arquitetura”,<sup>19</sup> por razões diferentes das de Vitruvius e já suficientemente explicadas (Krüger, 2011): como humanista e latinista, não lhe caía bem um termo grego. Ele começa definindo a *Arquitetura* como uma *res aedificatoria*, isto é, como as *coisas dos que edificam*, num sentido mais conceitual que construtivo: “Todas as coisas dos que edificam estão conformadas com desenhos e organização”<sup>20</sup> (Alberti, 1485, p. 5, tradução nossa).

Não discutimos aqui as possibilidades implicadas nessa definição, pois já tratamos do assunto alhures (Vázquez Ramos, 2011). O importante aí são os atributos com que ele define a latinização do termo “Arquitetura”, que, de forma ampla, podemos entender como uma “arte edificatória”:<sup>21</sup> *lineamentis* e *structura*, ou seja, desenhos e ordenação do que será edificado – depois.

Ampliando o horizonte, podemos assumir que Alberti define, pela primeira vez, que a *Arquitetura* se constitui na organização lógica e racional (*structura*) de um objeto (as edificações) que se manifesta nos desenhos. Um sistema representacional que deixa de ser descritivo e passa a ser projetivo. Note-se que, diferentemente de sistemas similares do passado, esse sistema gráfico projetivo era independente do canteiro, mas, sobretudo, era independente da realidade: já não eram necessárias as escalas 1:1, típicas das obras cujos artífices não trabalhavam no mundo das ideias ou das abstrações, mas das pedras, dos tijolos e das madeiras.

O “arquiteto” de Alberti não é um construtor, muito menos um relojoeiro ou um mecânico, mas um artista que projeta suas ideias organizadas em representações gráficas: desenhos esquemáticos (*lineamenti*). Domina uma técnica abstrata de representação do mundo das ideias não por palavras, mas por signos analógicos, capazes de transmitir comandos para que se construa alguma coisa. Veja-se que não há entre o mundo gótico e o mundo renascentista uma mudança significativa de técnicas construtivas.

A referência a Brunelleschi, no sentido de tentar refutar essa afirmação, não faz nenhum sentido, pois, como já apontou Geoffrey Scott, a cúpula de Santa Maria del Fiore, se bem

[c]onstituiu um grande triunfo da engenharia [...] não trouxe consigo nenhum princípio fundamental que não tivesse sido posto em prática na cúpula de Pisa [1152-1353] ou no batistério de Florença [séculos IV-V]. Pelo contrário, embora a construção renascentista fosse muitas vezes vasta em tamanho e ousada na concepção, era simultaneamente mais simples e menos científica do que a dos séculos imediatamente anteriores. (Scott, 1970, p. 35, tradução nossa)<sup>22</sup>

<sup>19</sup> Há “três ocorrências do termo *architectura* na *editio princeps* do *De re aedificatoria*” (Krüger, 2014, p. 26), duas no prólogo e uma no Livro IX.

<sup>20</sup> Tradução livre do latim: “Tota res aedificatoria lineamentis et structura constituta est”.

<sup>21</sup> Expressão usada na tradução portuguesa (Alberti, 2011).

<sup>22</sup> Tradução livre da edição em espanhol: “Constituyó un gran triunfo de la ingeniería [...] no llevaba aparejado ningún principio fundamental que no se hubiera puesto en acción en la cúpula de Pisa [1152-1353] o en el baptisterio de Florencia [séculos

Não foi a tecnologia nem foram os avanços nos sistemas construtivos que mudou a forma plástica da construção – seu estilo –, mas uma alteração cultural do pensamento: “não há a adoção de um novo princípio construtivo, mas a adoção de um novo ponto de vista artístico”<sup>23</sup> (Scott, 1970, p. 35, tradução nossa). Não é construção, mas possibilita sua realização concreta no mundo das coisas construídas. Isso revolucionou a prática da edificação, dividindo operários e artífices – construtores –, de um lado, e, de outro, um novo estamento social que nascia junto com a burguesia, o dos profissionais liberais, os *arquitetos* como os conhecemos hoje.

Assim, para Vitruvius havia uma intenção de “requalificar [...] o estatuto social do arquiteto” (D’Agostino, 2010, p. 71), tentando desmascarar aqueles que não têm a erudição que ele reputa necessária ao exercício da profissão, mas, ainda assim, constroem dizendo-se arquitetos. Para Alberti, no entanto, trata-se da “transformação da *arquitectura*, como uma *ars mechanica*, para um saber edificante” (Krüger, 2014, p. 27) próprio dos espíritos elevados.

E a mudança de entendimento se estende também à cidade, pois, como afirma Françoise Choay (1988, p. 684), “parece [...] que não encontramos, antes do Renascimento, nenhuma sociedade em que a produção do espaço construído dependesse de uma disciplina reflexiva autônoma.”<sup>24</sup> Essa defesa da autonomia disciplinar e de seu caráter mental (reflexivo) são fundamentais para entender o surgimento da Arquitetura em termos modernos.

Tanto quanto os arquitetos – os agentes –, a Arquitetura – o saber – nasce junto à burguesia. Somos filhos do berço burguês, erudito e ligado às artes, mas também classista – e de certa forma elitista –, e nunca escapamos dessa sina: “A *arquitectura* é uma coisa grandiosa e não está ao alcance de todos acercarem-se de uma coisa tão grande” (Alberti *apud* Krüger, 2014, p. 27).<sup>25</sup>

O crítico Reinhold Martin (2022, p. 17) afirma que “a *arquitectura* é, em geral, uma arte burguesa e uma profissão ainda mais burguesa que se estende por todo o mundo neoliberal”, e, embora pensemos que generalizações são sempre complicadas, não é só no “mundo neoliberal” que as coisas se passam dessa forma – sempre foi assim. Não há como fugir a essa *marca de Caim* que trazemos de nascença, após nos haver comprometido eternamente com o poder.

Sendo assim, a Arquitetura é um produto da modernidade mercantilista – sistema econômico – primeiro e capitalista – modo de produção – depois, mas sempre burguesa – liberal, ainda que humanista. Desde Alberti e desde Florença, desenvolveu-se lentamente em direção ao resto do mundo. Começou nos estados peninsulares, passou pela Europa

---

IV-V]. Por el contrario, aunque la construcción del Renacimiento era con frecuencia de vastas dimensiones y de concepción audaz, era simultáneamente más simple y menos científica que la de los siglos inmediatamente anteriores”.

<sup>23</sup> Tradução livre da edição em espanhol: “[...] no significa la adopción de un nuevo principio constructivo, sino la adopción de un nuevo punto de vista artístico”. Essa brilhante percepção do tipo de mudança que fundou a Arquitetura se deve ao historiador Geoffrey Scott, que escreveu em 1914, o que é surpreendente, pois ainda pensamos que foi sempre a tecnologia que mudou o mundo.

<sup>24</sup> Tradução livre do original em francês: “Il apparaît tout d’abord [...] qu’avant la Renaissance, on ne trouve aucune société où la production de l’espace bâti relève d’une discipline réflexive autonome. [...]”

<sup>25</sup> O autor só indica que a frase se encontra no Livro IX, cap. X, mas na versão citada nas nossas referências, o texto se encontra na localização 353/424 (Alberti, 1485): “Magna est res architectura: nesq est oium tantã rem aggredi.”

e chegou em algum momento às Américas; depois, pelo apetite colonial das potências europeias, a todo o mundo, no seio do que o antropólogo Olivier Mongin (2014, p. 145) chama de “primeira globalização histórica”.

E por que nos detivemos tanto nessas interpretações que hoje parecem tão antigas e ultrapassadas? Porque essa forma de entender e de fazer Arquitetura foi extremamente bem-sucedida, se pensarmos que durou, praticamente inalterada, 400 anos,<sup>26</sup> pendendo quase sempre para Platão, ainda que às vezes Aristóteles voltasse ao palco.<sup>27</sup> Destarte, a Teoria da Arquitetura e a Arquitetura, apesar das críticas de Jean-Nicolas-Louis Durand<sup>28</sup> (1760-1834) – e incluindo-as –, mudou pouco desde o século XV até a metade do século XIX, quando teve início um processo de profunda transformação.

#### 4 Moradias

É importante salientar que, até o século XIX, podemos entender que a Arquitetura e os que a ela se dedicavam se moviam num âmbito restrito: erudito, artístico, classista e elitista, pois a *Arquitetura é coisa grandiosa* para poucos. A profissão e sua prática eram pouco mais que o jogo de uma burguesia cultivada, do interesse catequizador da Igreja ou de uma aristocracia que dela se servia, pois os fatores de organização – e de ostentação – eram fundamentais. Os arquitetos tinham perfeita ciência – portanto, controle – dessas duas dimensões e atendiam solicitamente à parte mais alta e estreita da pirâmide social. Mas, embora às vezes imponente, o trabalho era rarefeito.<sup>29</sup>

A situação muda de figura a partir das mudanças estruturais da Europa entre 1830 e 1848, desde a Restauração Bourbon até a Primavera dos Povos, cuja mais ilustre expressão foi a Revolução de Fevereiro. Acompanhando as revoltas burguesas, resultados de uma comoção política, aparece o outro lado da moeda: a comoção social dos operários organizados, o proletariado, cuja inquestionável radiografia está no *Manifesto comunista* (Marx; Engels, 2017), que mostra a nova estrutura social, política e econômica resultante do impacto do capitalismo industrial.

Dessa vez, as mudanças tecnológicas – novos materiais e novas técnicas construtivas – foram determinantes para mudar o entendimento profissional. Isso é importante porque, desde o mundo antigo, a forma de construir permaneceu praticamente a mesma. O que mudou, como vimos, foi o modo de ver a construção, isto é, o sistema dos gostos da

---

<sup>26</sup> Um pouco menos, se considerarmos que o que permitiu a difusão da nova arte foi a imagem impressa, isto é, tratados com desenhos, plantas e elevações e, depois de 1519, cortes como os de Sebastiano Serlio (*Regole generali di architettura sopra le cinque maniere de gli edifici...*, Venezia: Francesco Marcolini, 1537) ou de Andrea Palladio (*I quattro libri dell'architettura*, Venezia: D. de' Franceschi, 1570). Reza a lenda que não havia jesuíta que não viajasse com um “Vignola” embaixo do braço (Giacomo Barozzi da Vignola. *Regole delle cinque ordini d'architettura*, Roma, 1562).

<sup>27</sup> A corrente platônica vem de Vitruvius, claro, mas se estabelece comodamente com Alberti, dando às ideias, àquela *cosa mentale* da que falava Leonardo Da Vinci, a centralidade do jogo conceitual, embora o outro lado da moeda, a construção, aparecesse ao longo dos séculos em autores tão variados como Henry Wotton (*The elements of Architecture*, 1624), Diego Antonio Rejón de Silva (*Diccionario de las nobles artes*, 1788), Eugène Emmanuel Villiet-le-Duc (*Dictionnaire raisonné de l'architecture française du Xie au XVIe siècle*, 1868) e chega até o século XX com Julien Guadet (*Éléments et théorie de l'architecture*, 1902).

<sup>28</sup> O pensamento de Durand é um ponto de inflexão entre a tradição simbólica do classicismo e sistematização padronizada da modernidade.

<sup>29</sup> Pense-se que o VI Livro do tratado de Serlio, *Delle habitazioni fuori e dentro delle città*, sobre arquitetura vulgar, dedicado não a grandes palácios ou igrejas, mas às residências burguesas, não foi publicado em vida do arquiteto, mas só na segunda metade do século XX: Rosci, M. (Ed.). *Il trattato di architettura di Sebastiano Serlio*; Il Sesto libro, delle habitazioni di tutti li gradi degli homini (facsimile do Livro VI do manuscrito de Munich. Milan: ITEC Editrice, 1966).

sociedade, de suas predileções estéticas e de seu sentido histórico (Scott, 1970). Mudaram também, e isso o historiador inglês não leva em conta, os sistemas representacionais, o que afetou a produção arquitetônica. Começou com a definição do sistema diédrico – planta do fundamento e elevação da fachada principal –, proposto por Alberti e modificado no século seguinte, passou pela introdução do corte – a fachada interior, apresentada ao papa Leon X<sup>30</sup> em 1519 – e completou as possibilidades representacionais ortogonais. Importante para a primeira mudança também nas propostas arquitetônicas que levaram ao maneirismo, talvez. Mais drástica foi a adoção da perspectiva, no século XVII. Banida por Alberti como representação válida para arquitetos, entrou no sistema representacional, abrindo as portas ao barroco. Foi uma mudança importante, se pensarmos nas seguintes, as do século XVIII, como o papel quadriculado ou as novas geometrias, como as desenvolvidas por matemáticos como Girard Desargues (1591-1661) ou Gaspard Monge (1746-1818), fundamentais para a consolidar uma base científica sólida para a arquitetura do século XIX. No entanto, nenhuma dessas mudanças foi precedida ou seguida de alterações nos sistemas construtivos, estruturais ou produtivos e nem nas formas de morar da burguesia – que era a mais interessada nessas questões. As alterações se deram no seio da própria Arquitetura, por ação do sistema representacional que ela mesma havia criado. Foi o século XIX que impôs a primeira derrota a essa autonomia artística.

Os questionamentos começaram na Grã-Bretanha e na França, não por acaso, os focos iniciais da Revolução Industrial. Desse período, chama-se quase sempre a atenção para pensadores como Robert Owen (1771-1858), importante representante do socialismo utópico, mas que talvez não seja o melhor exemplo do que expomos aqui, pois, apesar de centrais na questão social, suas propostas partem de uma compreensão paternalista e elitista, longe da questão operária. Autores como o arquiteto Henry Roberts (1803-1876), que publicou *The Dwelling of the Labouring Classes* (1850), e o engenheiro Major-General George Borlase Trevelyan (1809-1896), que publicou *The Dwelling of the Labouring Classes in the Metropolis* (1856), são mais pertinentes para nosso ponto de vista, pois abrem caminho para a assimilação dos processos de urbanização pelos profissionais que outrora se dedicavam à arquitetura, quando a construção de moradias passa a ter papel fundamental para o aparelho do Estado. Proudhon<sup>31</sup> (1865 *apud* Choay, 2000, p. 9) escreve “Precisamos descobrir os *modelos* de habitação”. A mudança ocorreu dentro de um novo processo de globalização, a partir de 1870, que Mongin (2014, p. 145) denomina “segunda globalização histórica”.

Apesar de Proudhon, o problema da moradia não era uma inquietação dos operários, mas das classes abastadas e dos intelectuais com preocupações sociais – mais teóricas do que práticas –, entre os quais encontramos os arquitetos, o próprio Proudhon, Owen e muitos outros, sensibilizados com uma questão com que conviviam, mas que lhes era alheia (Perrot, 1988). Ainda assim, as políticas de urbanização cobravam um papel de políticas de estado e, assim, independentemente dos desejos ou das necessidades dos operários, as decisões sobre moradia passaram a integrar as mudanças urbanísticas

---

<sup>30</sup> A “Carta de Rafael a Leão X sobre as ruínas de Roma”, obra em que trabalharam tanto o conde Baldassare Castiglione quanto o pintor Rafael, é sobre o projeto de representação da Roma Antiga e dos métodos de medição de ruínas, mas não só. Seguindo Alberti, os autores rejeitam os desenhos dos pintores e mostram quais seriam os dos arquitetos: além da planta e da “parede externa”, apresentam “a parede interna [...] com seus ornamentos”, explicam como deve ser traçada e ainda sua finalidade (Rafael, 2010, p. 51).

<sup>31</sup> Proudhon, J. *Du principe de l'art et de sa destination sociale*. Paris: Garnier Frères, 1865, p. 374.

planejadas – algo impensável 30 anos antes.

Na França, o problema da habitação foi tratado por personalidades como Fernand e Maurice Pelloutier, que publicaram em 1900 o livro *La vie ouvrière en France* (Paris: Schleicher Frères),<sup>32</sup> embora longe do âmbito dos arquitetos, que estavam pensando em outras questões, mais relevantes para o caráter autônomo da profissão. Estes começaram a afirmar que a Arquitetura deveria ser menos “ideal”, ou menos ligada às ideias abstratas da teoria da Arquitetura que desde Sebastiano Serlio estipulava a prevalência das ordens clássicas, que normalmente davam subsídios plásticos para as construções das classes abastadas. Pensava-se que era necessário atender “à natureza dos materiais, ao clima, aos costumes de uma época, às necessidades do momento” (Viollet-le-Duc, 1875, p. 116, tradução nossa).<sup>33</sup> Ou seja, exigia-se uma Arquitetura mais apropriada a uma sociedade que se enxergava cada vez mais como uma sociedade de massas, como já apontava seu contemporâneo, o poeta Charles Baudelaire (1821-1867). Também Auguste Choisy (1841-1909), um engenheiro feito historiador e lido avidamente por Le Corbusier, centrou sua explicação da história da arquitetura no desenvolvimento dos pormenores construtivos, mostrando nitidamente a mudança de perspectiva e de entendimento dos problemas arquitetônicos – apesar de que grande parte de seus exemplos tratam de construções antigas.

Escancara-se a frivolidade e o distanciamento da Arquitetura dos problemas reais (Perrot, 1988), pois, no fim, um arquiteto, como qualquer “verdadeiro artista, é apenas um belo desenvolvimento de um alfaiate ou de um carpinteiro”<sup>34</sup> (Ruskin, 1871, tradução nossa). Diga-se que o autor não se deu conta de que não nivelou artistas e artesãos, mas “elevou” os artesãos a artistas, o que implica justamente aceitar o velho estamento burguês que a Arquitetura, como as outras artes, carrega desde sempre.

## 5 Urbanização

Nesse contexto, é evidente que o maior impacto na Arquitetura e em suas teorias, objetivos e significados, repetimos, veio da urbanização, como demanda das camadas altas do governo e da sociedade. Mas a cidade foi pensada em “termos de modelo” (Choay, 2000, p. 14), o que distanciou os urbanistas da realidade social que enxergavam, mas que, como membros das classes abastadas, não compartilham.

O processo de transferência de um grande contingente de pessoas do campo para a cidade, que começou na Inglaterra no século XIX<sup>35</sup> e contagiou a França e depois a Alemanha, mudou a relação entre arquitetura e cidade, com isso, alterou o entendimento do significado da Arquitetura (Choay, 2000). Não por outra razão nasce, justamente na segunda metade do século XIX, o Urbanismo. Uma disciplina de múltiplas vertentes: a espanhola, de Ildefonso Cerdà, *Teoría general de la urbanización* (Madrid: Imprenta Española, 1867), e as alemãs, com Reinhard Baumeister, *Technischer, Baupolizeilicher und Wirtschaftlicher Beziehung* (Berlin: Ernst & Korn, 1876) e Joseph Stübben, *Der*

---

<sup>32</sup> Provavelmente inspirado no texto de Friedrich Engels, *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, de 1845.

<sup>33</sup> Tradução livre do original em francês: "La pratique est l'application de la théorie aux besoins ; c'est la pratique qui fait plier l'art et la science à la nature des matériaux, au climat, aux mœurs d'une époque, aux nécessités du moment."

<sup>34</sup> Tradução livre do original em inglês: "A true artist is only a beautiful development of tailor or carpenter".

<sup>35</sup> A título de exemplo, temos o caso de Londres, cuja população “passa de 846.845 habitantes em 1801 a 1.873.676 em 1841 e 4.232.118 em 1891” (Choay, 2000, p. 3). Em 1900, a taxa de urbanização da Inglaterra era de 62%. Na mesma época, a taxa de urbanização no Brasil era de 23% (Jardim, 2020).

*Städtebau* (Darmstadt: Arnold Bergsträsser, 1890), entre outras. No entanto, apoiada em Gaston Bardet, Françoise Choay (2000, p. 2), lhe atribui um nascimento mais recente, em 1910.

E surgem, igualmente, as escolas de arquitetura ligadas às instituições politécnicas, quando, desde Giorgio Vasari (1511-1574), estavam todas sob a égide das Belas-Artes.

A nova tradição se consolidou rapidamente e, já na primeira metade do século XX, veremos firmarem-se, com enorme prestígio, as escolas de arquitetura vinculadas aos Institutos Técnicos na Alemanha e nos EUA, destacando-se a do Illinois Institute of Technology, dirigida por Ludwig Mies van der Rohe desde os anos 1940; ou ainda nas universidades e escolas politécnicas, como foi o caso das *Escuelas Superiores Técnicas de Arquitectura* na Espanha, ou das que surgiram no Brasil, onde se sobressai a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, filha da Escola Politécnica e dos Engenheiros-Arquitetos.

Nesse movimento do ensino sistemático e técnico da arquitetura, surgiu um primeiro sinal da necessidade de acelerar os processos organizativos da atividade imobiliária, por intermédio de um profissional capaz de projetar o futuro da construção não só de edifícios, mas de cidades, principalmente com os conjuntos habitacionais e do planejamento. Um caso emblemático desse processo foi a Frankfurt da administração de Ludwig Landmann (1924-1933), cujo Arquiteto Municipal e Planejador foi, desde 1925, Ernst May (1886-1970). Durante essa administração, desenvolveu-se o mais ambicioso plano de urbanização da República de Weimar: Das Neues Frankfurt.<sup>36</sup>

Vemos aqui como a teoria da Arquitetura e a própria ideologia dos arquitetos deram um brusco salto após a Primeira Guerra Mundial, sobretudo depois da consolidação da União Soviética, com movimentos operários clamando pela ditadura do proletariado, levando arquitetos como Hannes Meyer (1980, p. 97, nota e grifo nosso), diretor da Bauhaus entre 1928 e 1930, a proclamar que “A arquitetura já não é mais a arte [de construir].<sup>37</sup> Construir é hoje uma ciência. A arquitetura é a *ciência da construção*”. E não devemos confundir esse entendimento da *Bauwissenschaft* com a *Architecti Scientia* de Vitruvius. Aquela era tecnologia aplicada à produção em massa, que demandava ação e, portanto, era urgente; esta era um problema da erudição – em última instância, de tradição –, preocupada com a definição de um *corpus* que apresentasse justas “proporções e sistemas de medidas”, uma questão reflexiva e vagarosa – *passatista*, para usar o termo futurista. Ambas, contudo, com forte inclinação plástica, que denota a estética em que se sustentavam: a racional – francesa, alemã e moderna – e a das proporções – grega, romana e clássica.

Reconhecer a conversão do entendimento da Arquitetura de arte para ciência, ainda que da ótica marxista de Meyer, foi reconhecer a mudança das regras do jogo na definição do que é Arquitetura, que entrou de vez no sistema produtivo e no circuito do consumo de massa. Atestam essa virada não apenas as novas propostas do *design – Gestaltung*, nos termos da Bauhaus –, como também os objetivos dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM), especialmente nas edições que ficaram sob a órbita dos

---

<sup>36</sup> Construíram-se 12 mil unidades em menos de cinco anos, e o projeto foi amplamente reconhecido no CIAM II, realizado em Frankfurt am Main em 1929. Os holandeses também desenvolveram propostas importantes nesse sentido, das quais destacamos as projetadas por Jacobus Johannes Pieter Oud: os *Woningblok* de Hoek van Holland (1924) e a *Woonwijk Kiefhoek*, em Rotterdam-Zuid (1934). Oud trabalhou no Serviço Municipal de Habitação de Rotterdam de 1918 a 1933.

<sup>37</sup> Tradução livre do original em alemão: “Die Architektur ist keine Baukunst mehr”.

arquitetos alemães (CIAMs II e III). Mas também a produção corbusiana, que deve ser entendida nessa perspectiva não só no aspecto doutrinal, o de *Vers une Architecture* (Paris: G. Crès et Cie., 1923), mas também no que tange à cidade, como o da *Ville Radieuse* (1924) e o *Plan Voisin* (1925), que deram lugar às propostas para São Paulo, Rio, Montevidéu e Buenos Aires (na viagem de 1929), e a de Argel, o *Plan Obus* (1931). Esses projetos de cidade mostram essa dimensão da grande escala e da redução da complexidade da vida urbana à imposição da megaestrutura arquitetônica ou da infraestrutura viária (que é o caso megalômano do estadunidense Robert Moses, nos anos 1940 a 1960, ou de um Paulo Maluf, outro megalomaniaco, em São Paulo, em 1970 e 1980).

A Arquitetura abandonou rapidamente os objetivos utópicos dos Arts and Crafts para se submeter à indústria, seguindo os passos proclamados por movimentos como o Deutscher Werkbund. Mas a indústria que realmente dominou, sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial, foi a da construção. E, se é certo que a “construção só existe como tal, enquanto a humanidade não pode desenvolver plenamente sua criatividade” (Artigas, 1981, p. 103), também é certo que, uma vez que a humanidade não logrou esse triunfo até agora, seguimos dominados pela construção.

## 6 Produção

No que se transformou a Arquitetura naquele momento?

Nada mais que numa reação produtiva que acompanhou o desenvolvimento industrial e o crescimento das cidades, acomodando-se rapidamente às novas formas de consumo e abrindo-se às formas repetitivas da série do modelo fordista, da industrialização no Ocidente e da pré-fabricação entre os países sob o controle da URSS. Assim, praticamente em toda a segunda metade do século XX, a Arquitetura esteve sob os eflúvios da construção, subjugando sua capacidade inventiva e abstrata às condições técnicas da construção, sobretudo de moradias, e a alguns materiais emblemáticos: concreto armado, aço e vidro. Não que não houvesse críticas a esse modelo,<sup>38</sup> mas as críticas só salientaram o modelo dominante, que foi o da urbanização acelerada e com baixa qualidade de vida urbana, como a implosão do conjunto habitacional Pruitt-Igoe – St. Louis, Missouri, EUA – escancarou internacionalmente.

Alguns autores reagiram à tendência de Charles Jencks de imputar rótulos a tudo e, no caso em tela, manifestam que a implosão do conjunto só marcou a falência dos programas sociais, e não necessariamente da arquitetura que os continha. Mas pensamos que a arquitetura dos CIAM na escala promovida nos EUA foi sim responsável por parte da deterioração social, isolando as habitações das ruas e destruindo o espaço social das comunidades.

E não devemos dar às propostas pós-modernas uma dimensão contestatória desse modelo só porque antagonizaram – formal e conceitualmente – as modernas, sobretudo as do Estilo Internacional. Nem porque inauguraram o *starsystem* arquitetônico, que se desenvolveu notadamente na globalização, aparentando uma preocupação com questões estilísticas e de qualidade plástica da Arquitetura, ao mesmo tempo em que promoviam uma democratização da arte e uma popularização da imagem arquitetônica

---

<sup>38</sup> *Death and Life of Great American Cities* (1961), de Jane Jacobs (1916-2006); *Complexity and Contradiction in Architecture* (1966), de Robert Venturi (1925-2018); *L'architettura della città* (1966), de Aldo Rossi (1931-1997).

nas revistas de grande penetração social – das dirigidas a “donas de casa” ou “homens de sucesso”, passando por aquelas lidas por arquitetos, até as econômicas ou de variedades. Os processos de urbanização não mudaram porque mudou o “estilo”.<sup>39</sup>

A imposição do concreto armado no Brasil ou do aço nos EUA é uma demonstração do poder da indústria. E, ainda que encontremos arquiteturas alternativas,<sup>40</sup> da mesma forma que encontramos críticas ao avanço da indústria da construção sobre a cidade, nada se compara ao domínio do cimento e do concreto armado na produção construtiva mundial.<sup>41</sup>

Mas, a partir dos intensos processos de globalização que se consolidaram no final do século XX e sobretudo no século XXI, até a pandemia de Covid-19, fica evidente – como afirma Reinhold Martin – que “a penetração do capital corporativo [pode ser encontrada] em quase todos os aspectos do mercado global”. Assim, “não seria um exagero sugerir que, sob o capitalismo tardio, virtualmente toda a arquitetura é, de fato, arquitetura corporativa” (Martin, 2022, p. 27).

## 7 Financeirização

Na mesma chave interpretativa, entendemos que essa arquitetura corporativa está submetida a outra modalidade do capital: a do capital financeiro, cujo rendimento, na forma de lucros, dividendos, aluguéis e sobretudo aplicações financeiras, tem sido maior que o crescimento da economia, como apontou Thomas Piketty (2014) há já dez anos.

Nos últimos 20 anos, temos visto como o domínio sobre a Arquitetura tem passado da indústria da construção para a indústria imobiliária financeirizada,<sup>42</sup> que é realmente a que domina a cena acumulativa – a acumulação de riqueza – e a construção das cidades – tanto as especulativas como as periféricas – nos dias atuais, concentrando sua ação nos fluxos.

Essa é uma das razões pelas quais não existe hoje uma “Teoria da Arquitetura” nos moldes codificados, didáticos ou prescritivos do passado. Não existe sequer um apelo às humanidades arquitetônicas. Inexiste aquela multiplicidade de abordagens interdisciplinares que desde a academia tentavam explicar, no final do século XX, o que podíamos entender por Arquitetura. Explicações que muitas vezes só tentavam driblar os ataques (Lara, 2009), como foram, por exemplo as diferentes aproximações provenientes da:

[...] teoria literária (Eisenman 2004; Wigley 1993); filosofia continental (Pallasmaa 2005; Vesely 2004); linguística chomskyiana (Alexander et al.

---

<sup>39</sup> Como exemplo, ver *Les Espaces d'Abbraxas*, conjunto habitacional de alta densidade, construído com elementos pré-fabricados “neoclássicos”, em Noisy-le-Grand, perto de Paris, obra de Ricardo Bofill Taller de Arquitectura, de 1978.

<sup>40</sup> Eladio Dieste no Uruguai, Rogelio Salmons na Colômbia ou Solano Benítez no Paraguai, apenas para citar os que desenvolveram obras em nossa área geopolítica, onde o tijolo é o elemento central.

<sup>41</sup> A construção representa 13% do PIB mundial. Até 2020, a produção mundial de cimento alcançava quase 4 bilhões de toneladas/ano, e a Ásia respondia por aproximadamente três quartos desse total. Embora o consumo tenha caído durante a pandemia da Covid-19, a projeção para os próximos 30 anos indica um aumento de 2,5 vezes (O concreto [...], 2021).

<sup>42</sup> Usamos a expressão no sentido que lhe dá Greta R. Krippner (2005, p. 174), isto é, como um “padrão de acumulação em que os lucros se obtêm cada vez mais por meio de canais financeiros, mais do que pelo comércio ou pela produção de mercadorias” (no original: “*pattern of accumulation in which profit making occurs increasingly through financial channels rather than trade and commodity production*”). Sobre o tema, ver também a recompilação de textos feita por Gerald A. Epstein (2005).

1977); teoria da informação e ciência da computação (Mitchell 1990); sociologia (Lefebvre 1970 e 1974); estudos urbanos (Krier 2009; Koolhaas 1978); estudos culturais (Rapoport 1969; Oliver 1969); e estudos científicos (Pérez-Gómez, 1983). (Fisher, 2015)<sup>43</sup>

Nosso mundo achatado só está disponível para a economia, em que se incluem desde a guerra da Ucrânia até os novos empreendimentos imobiliários do bairro de Pinheiros, na cidade de São Paulo, ou os megaempreendimentos do Related Group nos EUA ou na América Latina.<sup>44</sup> Nesses termos, só importam o mercado de capitais e as IPO (*Initial Public Offering*) das novas empresas que entram no mercado – especialmente, mas não apenas, das que de alguma maneira se vinculam ao investimento imobiliário.

Há aqui dois fatores importantes: o dos fluxos – não só dos modais, mas da circulação financeira –, que estão destruindo os lugares e a urbanidade, e o da privatização. Este último, não só no que se refere ao avanço da área privada sobre a pública e à verticalização, mas também a privatização das áreas públicas, resultado do adensamento em torno dos fluxos.<sup>45</sup> Assim, como afirma Mongin (2014, p. 143):

[...] a prevalência dos fluxos sobre os lugares não é um critério de análise suficiente da nova categoria mundial [a da globalização]. Só podemos compreender suas principais competências ressaltando paralelamente o papel da “privatização” que, indissociável da liberalização econômica, também afeta a maneira de ser em sociedade.

E o que significa isso para o campo da Arquitetura?

Significa que a construção, a materialidade, a forma, o sentido e a utilidade social da própria Arquitetura, consolidada pelo menos desde a segunda metade do século XX, deixaram de ser relevantes. Perde-se a dimensão projetiva e mental, estética. Perde-se também a relação com a indústria da construção, atrelada à “resolução de problemas” (Lawson, 2011; Schön, 1988), que ainda que possuía uma finalidade produtivista e economicista, mantinha uma relação histórica com a Arquitetura.

Mas hoje, a Arquitetura não passa de um investimento financeiro no circuito do rendimento do capital imobiliário.

Qual é a dimensão de um investimento? Não é monetária, muito menos produtiva, mas meramente lucrativa: acúmulo infinito de riqueza, concentrada em poucas mãos, hoje

---

<sup>43</sup> Seguem as referências indicadas na citação: Eisenman, Peter. *Eisenman inside out: Selected Writings, 1963-1988*, New Haven: Yale University Press, 2004; Wigley, Mark. *The Architecture of Deconstruction: Derrida's Haunt*, Cambridge, MA: The MIT Press, 1993; Pallasmaa, Juhani. *The Eyes of the Skin: Architecture and the Senses*. Chichester: Wiley-Academy, 2005; Vesely, Dalibor. *Architecture in the Age of Divided Representation: The Question of Creativity in the Shadow of Production*, Cambridge, MA: The MIT Press, 2004; Alexander, Christopher; Ishikawa, Sara; Silverstein, Murray. *A Pattern Language: Towns, Buildings, Construction*. Oxford: Oxford University Press, 1977; Mitchell, William J. *The Logic of Architecture: Design, Computation, and Cognition*, Cambridge, MA: The MIT Press, 1990; Lefebvre, Henri [1970]. *The Urban Revolution*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2003; Lefebvre, Henri [1974]. *The Production of Space*. Oxford: Basil Blackwell, 1991; Krier, Léon. *The Architecture of Community*. Washington, DC: Island Press, 2009; Koolhaas, Rem. *Delirious New York: a retroactive manifesto for Manhattan*, Oxford: Oxford University Press, 1978; Rapoport, Amos. *House Form and Culture*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1969; Oliver, Paul (ed.). *Shelter and Society*. New York: Praeger, 1969; Pérez-Gómez, Alberto. *Architecture and the Crisis of Modern Science*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1983.

<sup>44</sup> O grupo de investimento imobiliário construiu e administra mais de 100 mil residências, com mais de 1,5 milhão de metros quadrados (<https://relatedgroup.com/about/>).

<sup>45</sup> O Plano Diretor de São Paulo é um exemplo frisante dessa tendência destrutiva.

não só individuais, mas corporativas.

E como se consegue essa dimensão? Pela mobilidade do capital, o que gera rápida obsolescência de tudo o que toca.

Assim, não importa o que se pretenda com a Arquitetura desde o campo dos arquitetos, ou desde o campo disciplinar (seja este teórico, prático ou ampliado), pois nada escapa à indústria imobiliária transformada em ações cotadas em bolsa, assim como nada escapa, hoje em dia, dessa sinuca do ultraliberalismo pós-pandemia. Não importa mais a produção – mas a produtividade –, nem os insumos – razão pela qual não se abandona o petróleo –, nem as *commodities* tradicionais – mas os novos recursos para a tecnologia digital, que são mais poluentes –, embora as cadeias produtivas tenham sido amplamente afetadas durante a pandemia – e revelado uma debilidade da globalização que não se havia considerado até então. Mas, ainda assim, o capitalismo se adaptou rompendo a hegemonia e criando novas rotas de circulação, pois tudo tem que se mover (fluxo constante) no mundo contemporâneo. E não devemos nos enganar, a economia verde entra também neste ciclo.

## 8 Areias movediças, à guisa de conclusão

E o que resta para nossa velha Arquitetura nesse *moto-contínuo*?

Uma atividade que se alastra no mundo desde o século XV sem grandes alterações não tem capacidade de encarar esse novo achatamento, essa nova distorção no campo discursivo que afeta sua integridade disciplinar. Por isso se jogaram tantas explicações no tabuleiro das justificativas de sua existência – foi uma forma desesperada e histórica de salvar o que já não pode ser salvo. As trocas estratégicas de posicionamento a cada vez que a Arquitetura é “atacada” (Lara, 2009) não parece ser uma estratégia muito eficiente, ainda que seja bastante popular, pois o chão onde ela se monta não passa de areia movediça. Não há *Lakatos* que dê conta dessa pressão.<sup>46</sup> Até pouco tempo atrás, estávamos imersos num redemoinho gigante de explicações, com “teorias” divergentes, “narrativas” contestatórias e explicações mirabolantes do que é ou não é a Arquitetura, e nenhuma delas dava conta da realidade que hoje se estilhaça na nossa frente. No entanto, isso foi uma novidade. Nunca antes, nos quase 600 anos de história da Arquitetura, houve semelhante proliferação de ideias, mas o mundo tornou a mudar.

Se perguntássemos a qualquer arquiteto formado entre os séculos XV e XX o que era Arquitetura, todos eles teriam uma resposta. Muitos, certamente usariam algumas das palavras da tríade vitruviana. Muitos ainda se lembrariam de sua dimensão projetiva, de *cosa mentale*, que promove a invenção – ou a criação. A dimensão plástica estaria sempre presente, vinculada como esteve sempre ao mundo das Belas-Artes. A dimensão social, que parece coisa do século XX, teria sentido para muitos, também antes desse século – pensamos em Durand –, pois não deixa de ser uma dimensão vitruviana: a *utilitas*. Sem falar nas questões técnicas, ou tectônicas, provenientes, em última instância, da *firmitas*. E, até o século passado, tínhamos as respostas provenientes das Humanidades Arquitetônicas, um campo ampliado que dava lugar a diversas explicações, como vimos. Tudo isso acontecia porque se entendia que a Arquitetura ainda tinha sentido como construto social, econômico e também cultural (estético). Havia como enfrentar o

---

<sup>46</sup> Referimo-nos às teorias do filósofo Imre Lakatos (1922-1974), mencionadas como base para sua defesa da troca de posicionamento por Fernando Lara (2011). Ainda assim, compartilhamos o posicionamento de Lakatos, e de Lara, mas pensamos que ele agora não é aplicável, uma vez que já não tem substância.

problema, porque ainda tínhamos a Arquitetura na nossa frente dentro de suas múltiplas narrativas possíveis, ainda que limitada pelo modo da construção.

Mas, se a pergunta fosse dirigida aos atores que a ela se vinculam a partir dos anos 2000, as respostas desapareceriam cada vez mais depressa, pois está cada vez mais difícil respondê-la não pela complexidade do tema – o que seria tanto melhor –, mas pela falta de interesse nele. Hoje, tudo é ecossistêmico, competitivo e inovador. Porque, como “tudo o que é sólido se desmancha no ar” (Marx; Engels, 2017, p. 19), a Arquitetura foi diluída pela busca incessante do lucro imobiliário financeirizado, dentro desse *ecossistema competitivo e inovador*. E não devemos nos enganar: não existe aquela parte da cidade que é alheia a esse tipo de investimento, ao entendimento da cidade como uma *smartcity* aberta à especulação e aos fluxos.

Estamos numa areia movediça que tudo engole, arrastando e aglomerando, verticalizando e adensando. Destruindo, em última instância, o capital acumulado durante tanto tempo: a urbanidade como modo civilizatório, a memória como modo cultural, o patrimônio como modo histórico e a Arquitetura como construto conceitual ligado a uma percepção estética do mundo que se orientava pela qualidade de vida urbana, desde Alberti, de uma perspectiva socialmente justa, desde Durand. O que confirma “a ideologia da Cidade Genérica formulada por Rem Koolhaas, uma ideologia que privilegia o vertical com a finalidade de criar zonas isoladas de grande densidade” (Mongin, 2009, p. 126), que é muito mais bem tratada pelo próprio Mongin. Tudo isso vem sendo destruído em prol do mercado imobiliário – o oficial e o clandestino, a julgar pelas ações do PCC nas periferias que controla –, que é o novo dono da cidade, isto é, o novo dono da Arquitetura que lhe serve como investimento, e já não mais como instrumento. Num mundo que “não é mais aquele do *concreto* da sociedade industrial, mas o da revolução tecnológica, a privatização se desenvolve em todos os planos (o íntimo, o público, o político)” (Mongin, 2009, p. 123, grifo nosso). Assim, vale a pena salientar o uso do termo “concreto” nessa frase, pois ele levanta a questão do “concreto armado” como material que promoveu a urbanização no último século e a do mundo “concreto” que nos precedeu frente ao mundo “digital” que se nos apresenta hoje como única possibilidade.

Pensamos que a alegoria da “areia movediça” se adapta melhor à situação atual, pois, apesar de ser mais poética (romântica), a da *solidez se desmanchando no ar* marxista, desconsidera a periculosidade do fato e sublima o peso mistificador da aparência. Outra imagem similar seria a da *névoa*, conceito que devemos a Guilherme Wisnik (2018), que tem sobre a alegoria marxista a vantagem de incluir um aspecto fantasmagórico familiar e, assim, em alguma medida, aterrador, apavorante ou pelo menos desconfortável (o *Das Unheimlich* freudiano, talvez).<sup>47</sup> No entanto, a “areia” produz um efeito duplo: apresenta-se como uma realidade visível, tranquilizadora em algum aspecto, e relativamente sólida, dando a ilusão de que temos chão quente, agradável e macio para avançar até percebermos que ela é instável quando a pisamos. Aí, não há volta atrás, simplesmente afundamos. O que é sólido e se desmancha no ar tende a desaparecer, mas não nos engole, continua exterior a nós; a névoa nos envolve, mas ainda temos chão firme onde pisar. Mas o mundo de hoje é de “*fake news*”, uma substância que é do tipo “areia movediça”, pois parece real, é visível sempre, mas não dá pé: simplesmente nos engole.

---

<sup>47</sup> Para uma aproximação arquitetônica do tema, ver o trabalho sobre o *uncanny* – estranhamento familiar, insólito, desestabilizador – de Anthony Vidler (1992). Ver também as aproximações do termo russo *ostranênie* (estranheza) das teses do crítico e escritor Viktor Chklóvski (1973).

A Arquitetura é do mesmo tipo: conseguimos vê-la todos os dias na cidade e até pensamos que a produzimos: continuamos construindo cada vez mais, cada vez mais alto, adensando e adensando. Contudo, ela não nos dá pé, não tem nenhuma explicação nem conceitual, nem teórica. Sua finalidade não é a vida urbana como cultura construída. Perdeu-se definitivamente a unidade entre ética e estética proclamada pela Arquitetura desde Alberti (Krüger, 2014). Simplesmente será da forma que melhor se adapta ao capital financeiro, à forma que seja mais lucrativa, não para o usuário final, o cidadão – outra figura em extinção –, mas para o investidor – essa figura terrível que domina o mundo globalizado. A constante depreciação do que se entende por patrimônio, sua destruição cada vez mais assintótica, é uma clara demonstração da perda de um chão firme no qual a sociedade possa entender sua situação histórica – seu ser na história.

A bolha de 2008 nos EUA e a da China desde 2022 (ainda sem solução) podem levar a uma nova crise asiática semelhante à de 1997, agravada pela guerra da Ucrânia e pela insegurança do futuro de Taiwan e agora vinculada à construção e à financeirização imobiliária – que eventualmente arraste as bolsas, como a de 1929, e, com elas, a sociedade. A indústria da construção é insustentável da perspectiva ambiental, e a Arquitetura é insustentável também nos padrões atuais, vinculada como está ao ciclo do concreto e ao mercado imobiliário predatório que domina o mundo. E desse mercado não escapa a produção das grandes periferias urbanas, sejam elas resultado do espraiamento nos países ricos ou da desigualdade social nos países pobres. Não há santos ou heróis que nos libertem: nem os *Kéré*, nem os *Aravena*, nem a *Arquitetura e o trabalho livre* salvam.

A Arquitetura como a conhecemos, aquela historicamente constituída desde o século XV, não foi pensada para enfrentar as demandas de um mundo habitado por 8 bilhões de pessoas, onde predominam outros problemas que não os da forma, do uso ou da construção: Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), crises climáticas, decolonialidade, mudanças das matrizes energéticas, inteligência artificial, tecnologia da informação, populismo e novas ameaças de conflitos nucleares, além de um ciclo de pandemias de que não se vê o fim. A Arquitetura surgiu como resultado do esforço intelectual de um pequeno grupo de humanistas que a idealizaram para reconfortar espíritos dedicados à beleza não para resolver problemas concretos do mundo real, ainda que deles tratassem. Aquela *coisa grandiosa* [que] *não está ao alcance de todos*. E, apesar de o desenvolvimento dos últimos 50 anos se haver paulatinamente dirigido para o campo da “resolução de problemas” – o que nunca passou de um funcionalismo extremo, nada mais que uma *utilitas* com nova roupagem –, os problemas atuais não podem ser resolvidos, nem minimamente, pela Arquitetura; sua própria indeterminação, e seu elitismo, a impedem de atuar assim. Essa indeterminação provém de sua formação estética e de sua própria efetividade como agente de cultura, não de economia – e este mundo está preocupado com o valor da dívida em relação ao PIB, ou com o impacto das Bigtech. Após um século de inúmeras tentativas, já é mais que evidente que não se pode resolver o problema da moradia pela Arquitetura, e hoje percebemos que nem pela construção. Essas são miragens que a sociedade constrói para não ver a realidade. Ainda que a instrumentalização operacional do mercado corporativo tenha dominado os últimos 30 anos, a supressão de sua dimensão socioeconômica em prol da financeirização – fluxos *versus* acumulação – tem afetado finalmente o cerne do sentido da existência da Arquitetura. Pensar que temos saídas, que somos capazes de opor resistência, como Jane Jacobs nos anos 1950, não passa de um paliativo acadêmico, intelectualizado e, em certa medida, estéril, ainda que legítimo por seu sentido vital. Não

há hoje Teoria da Arquitetura porque não há Arquitetura.<sup>48</sup> Nem os que escrevem sobre teoria, como poderia ser o caso de Anthony Vidler (2023) ou Michael Speaks (2005), pensam que estão escrevendo sobre teoria, porque acreditam que a teoria não é nada além de doutrina ou que já não faz sentido, pois hoje tem sido substituída pela “inteligência”. O problema da dissolução do objeto da teoria, sem o qual a escrita é sempre errática, acarreta um desinteresse crescente sobre qualquer que seja o sentido da Arquitetura. E a construção, talvez seu último recurso retórico, já não tem sentido como finalidade, pois afunda na areia movediça das bolsas de New York, Londres, Hong Kong e todas as outras.

## Referências

- ADDIS, Bill. **Building**: 3000 years of Design Engineering and Construction. London: Phaidon, 2007.
- ALBERTI, Leon Battista. **Da arte edificatória**. Tradução: Arnaldo Monteiro do Espírito Santo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.
- ALBERTI, Leon Battista. **Leonis Baptiste Alberti De re aedificatoria**. [Original em latim]. Florença, IT: Nicolai Laurentii Alamani, 1485. Disponível em: <https://ia804700.us.archive.org/12/items/leonisbaptisteal00albe/leonisbaptisteal00albe.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2023.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 4. ed. Tradução: Leonel Vallandro, Gerd Bornheim. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Coleção Os Pensadores; 2).
- ARTIGAS, João Batista Vilanova. **Caminhos da arquitetura**. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.
- BIERMANN, Veronica *et al.* **Teoria da arquitetura**: do Renascimento aos nossos dias. Tradução: Maria do Rosário Paiva Boléo. Köln: Taschen, 2003.
- BORISSAVLIEVITCH, Miloutine. **Las teorías de la arquitectura**: ensayo crítico sobre las principales dotrinas relativas a la estética de la Arquitectura. Tradução: Martín Augusto de la Riestra. Buenos Aires: El Ateneo, 1949.
- CHKLÓVSKI, Viktor. **La disimilitud de lo similar**. Tradução: José Fernández Sánchez. Madrid: Alberto Corazón, 1973.
- CHOAY, Françoise. Urbanisme. *In*: MERLIN, Pierre; CHOAY, Françoise (dir.). **Dictionnaire de l'Urbanisme et de l'Aménagement**. Paris: PUF, 1988. p. 683-690.
- CHOAY, Françoise. **O urbanismo**: utopias e realidades, uma antologia. Tradução: Dafne Nascimento Rodrigo. São Paulo: Perspectiva, 2000. (Coleção Estudos; 67).
- D'AGOSTINO, Mário Henrique S. **A beleza e o mármore**: o tratado *De architectura* e o Renascimento. São Paulo: Annablume, 2010.
- DA VINCI, Leonardo. **Tratado de la pintura**. Tradução: Manuel Abril. Buenos Aires;

---

<sup>48</sup> Vale a pena ver, nestes sentidos, a Mesa de Debate “No Such Thing As Architectural Theory” (<https://www.youtube.com/watch?v=L-KRffBoe4>). Architecture Panel Discussion chaired by Dr Elizabeth Farrelly as part of LuminoCITY, the Faculty of Built Environment's 2012 Graduation Exhibition.

México: Espasa Calpe, 1947. (Coleção Austral).

EPSTEIN, Gerald A. (ed.). **Financialization and the World Economy**. Cheltenham, GB: Edward Elgar, 2005.

FISHER, Saul. Supplement to Philosophy of Architecture. **Stanford Encyclopedia of Philosophy**. 9 set. 2015. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/architecture/tradition.html>. Acesso em: 5 ago. 2023.

GRAEBER, David; WENGROW, David. **O despertar de tudo: uma nova história da humanidade**. Tradução: Claudio Marcondes, Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRIPPNER, Greta R. The finalization of the American Economy. **Socio-Economic Review**, Oxford, GB, v. 3, n. 2, p. 173-208, 2005. DOI: 10.1093/SER/mwi008. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/SER/mwi008>. Acesso em: 5 ago. 2024.

KRUFFT, Hanno-Walter. **História da Teoria da Arquitetura**. Tradução: Oliver Tolle. São Paulo: Edusp, 2016.

KRÜGER, Mário Júlio Teixeira. Introdução. *In*: ALBERTI, Leon Battista. **Da arte edificatória**. Tradução: Arnaldo Monteiro do Espírito Santo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011. p. 17-129.

KRÜGER, Mário Júlio Teixeira. **Comentários à arte edificatória de Leon Battista Alberti**. Coimbra, PT: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.

JARDIM, Thiago. Londres: a história econômica de uma cidade resiliente. **Caos Planejado**, 3 dez. 2020. Disponível em: <https://caosplanejado.com/londres-a-historia-economica-de-uma-cidade-duradoura/>. Acesso em: 5 ago. 2023.

LARA, Fernando Luiz. Disciplina ou (in)disciplina: eis a questão. **MDC – Revista de Arquitetura e Urbanismo**, Belo Horizonte, 13 abr. 2009. Disponível em: <https://mdc.arq.br/2009/04/13/disciplina-ou-indisciplina-eis-a-questao/>. Acesso em: 5 ago. 2023.

LAWSON, Bryan. **Como arquitetos e designers pensam**. Tradução: Maria Beatriz Medina. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

MALLGRAVE, Harry Francis. **Architectural Theory: an Anthology from Vitruvius to 1870**, v. 1. Malden, EUA: Blackwell, 2006.

MALLGRAVE, Harry Francis. **Architectural Theory: an Anthology from 1871 to 2005**, v. 2. Malden, EUA: Blackwell, 2008.

MARTIN, Reinhold. **O fantasma da utopia: arquitetura e pós-modernismo, outra vez**. Tradução: Maria Alice Junqueira Bastos. São Paulo: Perspectiva, 2022.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. São Paulo: Sundermann, 2017.

MEYER, Hannes. Thesen über marxistische Architektur. *In*: MEYER-BERGNER, Lena (ed.). **Hannes Meyer, Bauen und Gesellschaft schriften, Briefe, Projekte**. Dresden, DE: VEB Verlag der Kunst, 1980. p. 97-99.

MONGIN, Olivier. **A condição urbana: a cidade na era da globalização**. Tradução: Letícia Martins de Andrade. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2014.

O CONCRETO: terceiro maior emissor mundial de gases de efeito estufa. **Isto é**, Dinheiro, São Paulo, 19 out. 2021. Disponível em: <https://istoedinheiro.com.br/o-concreto-terceiro-maior-emissor-mundial-de-gases-de-efeito-estufa/>. Acesso em: 5 ago. 2023.

OLMOS, Carlos Chanfón. Los tratados de arquitectura en la Edad Media. **Boletín del Instituto de Investigaciones Bibliográficas**, México, v. VI, n. 1-2, p. 11-19, 2001. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/98155>. Acesso em: 5 ago. 2023.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Tradução: Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PIKETTY, Thomas. **O capital no século XXI**. Tradução: Monica Baumgarten de Bolle. São Paulo: Intrínseca, 2014.

RAFAEL. **Cartas sobre Arquitetura**. Tradução: Luciana Migliaccio, Letícia Martins de Andrade, Maria Luiza Zanatta. Campinas, SP: Ed. Unicamp; São Paulo, SP: Ed. Unifesp, 2010.

RUSKIN, John. Letter XI. Denmark Hill, 15 oct. 1871. *In*: RUSKIN, John. **Fors Clavigera: letters to the workmen and labourers of Great Britain**. Sunnyside/Opingron/Kent, GB: George Allen, 1871. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/59456/59456-h/59456-h.htm>. Acesso em: 5 ago. 2023.

SAINT, Andrew. The fate of Pugin's True Principles. *In*: ATTERBURY, Paul; WAINWRIGHT, Clive (ed.). **Pugin: a Gothic passion**. New Haven; Londres: Yale University Press; Londres: The Victoria & Albert Museum, 1994. p. 272-282.

SCHÖN, Donald A. Designing rules, types and worlds. **Design Studies**, Cambridge, GB, v. 9, n. 3, p. 181-190, jul. 1988.

SCOTT, Geoffrey. **Arquitectura del Humanismo: un estudio sobre la historia del gusto**. Tradução: José Luis Cano Tembleque. Barcelona: Barral Editores, 1970.

SPEAKS, Michael. After Theory. **Architectural Record**, New York, n. 6, p. 51-56, 2005. Disponível em: <https://www.architecturalrecord.com/ext/resources/archives/backissues/2005-06.pdf?1117598400>. Acesso em: 5 ago. 2023.

VÁZQUEZ RAMOS, Fernando Guillermo. O desenho e a arquitetura em Leon Battista Alberti e Giorgio Vasari. *In*: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE. 7., 2011, Campinas, SP. **Anais eletrônicos...** Campinas, SP: Unicamp, 2011. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/eha/atas/2011/Fernando%20Guillermo.pdf>. Acesso em: 06 out. 2023.

VIDLER, Anthony. O estranho na história do presente. Tradução: Odorico Leal. *In*: LIRA, José; CONTIER, Felipe; SODRÉ, João; DELECAVE, Jonas; DEDECCA, Paula; CHAHIN, Samira; PRÓSPERO, Victor (org.). **Arquitetura e escrita: relatos do ofício**. São Paulo: Romano Guerra, 2023. p. 34-57.

VIDLER, Anthony. **The architectural uncanny: essays in the modern unhomey**. Cambridge, EUA; London: The MIT Press, 1992.

Vázquez Ramos, F. G.

*A progressiva dissolução da definição de Arquitetura: reflexões sobre as areias movediças da condição contemporânea*

VIOLLET-LE-DUC, Eugène Emmanuel. **Dictionnaire raisonné de l'architecture française du XIe au XVIe siècle**. Tome Premier. Paris: Ve Morel & Cie. Éditeurs, 1875. Disponível em: <https://archive.org/details/raisonnedelarchi01viol/page/n2/mode/1up>. Acesso em: 12 ago. 2023.

VITRÚVIO. **Tratado de Arquitetura**. Tradução: M. Justino Maciel. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VITRUVIUS. **Marcus Vitruvius Pollio**: de Architectura, Liber I. In: THAYER, Bill (ed.). Bill Thayer's Website, jul. 2014. Disponível em: [https://penelope.uchicago.edu/Thayer/L/Roman/Texts/Vitruvius/1\\*.html](https://penelope.uchicago.edu/Thayer/L/Roman/Texts/Vitruvius/1*.html). Acesso em: 5 ago. 2023.

WISNIK, Guilherme. **Dentro do nevoeiro**. São Paulo: Ubu, 2018.

WOODS, Lebbeus. Arquitetura como estado sólido de reflexões: uma conversa com Lebbeus Woods. Entrevistador: Corrado Curti. Tradução: Flavio Coddou. **Vitruvius**, São Paulo, v. 12, n. 045.02, jan. 2011. Disponível em: [https://vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/11.044/3714/pt\\_BR](https://vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/11.044/3714/pt_BR). Acesso em: 5 ago. 2023.